



Tesouros da Berlinale

Os achados da reta inicial da 75ª Berlinale, numa programação que aposta na renovação autoral, sem abrir mão de medalhões

Aline Arruda/Divulgação

Berlinale/Divulgação



No Beast, So Fierce

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Incumbindo-se da tarefa de inaugurar os trabalhos da 75ª Berlinale, moderando a mesa de debates do júri oficial deste ano, presidido pelo diretor Todd Haynes, Tricia Tuttle, a atual curadora do festival alemão, recém-empossada no cargo, explicou que “a arte da escuta” sempre foi o atributo principal do evento. Por isso, ao sair da direção artística do BFI London Film Festival para assumir a guarda da maratona cinéfila germânica, a programadora quis emular essa habilidade de “escutar” abrindo seus ouvidos para os ecos autorais do Presente. Ouviu expressões de indignação, lamentos e brados de guerra, mas soube decantar cânticos de prospecção nada catastrofistas, a fim de compor uma seleção que mira o porvir, do mundo e da própria arte cinematográfica. Não por acaso, escalou uma produção pautada pela esperança para representar o Brasil na corrida pelo Urso de Ouro: o estonteante “O Último Azul”, rodado por Gabriel Mascaro. Confira a seguir o que Berlim viu de melhor além dessa joia nacional.

Berlinale/Divulgação



Duas Vezes João Liberada



'A Melhor Mãe do Mundo'

“A MELHOR MÃE DO MUNDO”, de Anna Muylaert (Brasil): Shirley Cruz demarca para sempre sua relevância como atriz de escopo internacional ao viver a catadora de material reciclável Gal, com base em um vasto espectro de gestos, usando o silêncio como um cinzel para esculpir a dor de sua personagem. O dilema de Gal é

proteger a filha e o filho, ambos menores, do atual companheiro, um segurança que parte pra pancada quando exagera na cerveja. A direção da realizadora de “Que Horas Ela Volta?” (2015) cartografa uma São Paulo a céu aberto, resiliente.

LITTLE TROUBLE GIRLS (“Kaj